



Rio Tietê,

*Estrada Líquida do
Divino Espírito Santo*



Luiz Nunes de Almeida

RESENHA: ALMEIDA, Luiz Nunes de. **Rio Tietê, Estrada Líquida do Divino Espírito Santo**. São Paulo: Scortecci, 2013.

“*O Espírito sopra onde quer*” (Jo, 3, 8) e, por onde passa, como bem nos mostra Luiz Nunes, é reverenciado e festejado. Afirmam alguns estudiosos que no longínquo século XIV, por volta de 1300, a Rainha de Portugal e Aragão, hoje Santa Isabel, prometera ao Divino Espírito Santo que se D. Diniz, seu marido, fizesse as pazes com o filho legítimo, D. Afonso, herdeiro do trono Imperial, ela faria peregrinar pelo mundo uma imagem de pomba no alto de uma cópia da coroa imperial, com o objetivo de arrecadar donativos para beneficiar os mais pobres. E assim foi feito: as peregrinações eram verdadeiras celebrações e aconteciam cinquenta dias depois da Páscoa, quando se comemorava Pentecostes que, segundo o Novo Testamento, rememora o momento em que o Espírito Santo, sob a forma de línguas de fogo, desceu sobre os apóstolos de Jesus.

Muitos séculos depois, o costume de reverenciar o Divino Espírito chegou ao Brasil e ainda perdura, com igual fervor e comemorações como podemos constatar pelas palavras de Nunes: “*Todos os anos, em torno de 50 dias após a Páscoa, em diversas regiões do país, um universo simbólico se associa à vivência de fé de leigos da Igreja Católica e de Grupos Religiosos do Catolicismo para se consolidar em uma das festas mais significativas da expressão da religiosidade: A Festa do Divino Espírito Santo*” (p. 21). Nunes recupera os festejos dos fiéis devotos que navegam pelo médio Tietê paulista, na região de Botucatu, entre as cidades de Laranjal Paulista, Anhembi e Conchas e enfatiza as especificidades que caracterizam a tradição da romaria e da própria festa nesse espaço paulista. No trabalho, inicialmente escrito para obtenção do título de mestre em Antropologia na PUC de São Paulo e fruto de exaustiva pesquisa de campo, o autor demonstra capacidade singular de reunir três condições essenciais para encantar o leitor: uma excelente “veia” de pesquisador, um jeito especial de contar histórias e, ainda, precisão e respeito no trato com as atividades de um povo interiorano e suas representações de mundo.

O produto, em livro, é um estudo, muito competente e interessante, que suplanta a cientificidade necessária aos estudos dessa natureza e nos propicia uma viagem pela alma misteriosa do rio Tietê em seus “divinos” momentos e pela configuração da expressão religiosa do povo da região.

Luiz Nunes, primeiramente, ressalta as origens das irmandades no espaço estudado: “*Nessa região, as comunidades religiosas do Divino Espírito Santo têm suas origens em meados do século XIX, tempo da ocupação da Depressão Periférica Paulista, quando as febres malignas ou moléstias de campo como tifo, maleita, sezão entre outras constituíam*

obstáculos para os pioneiros na luta pela acomodação e posse de terra.” (p.22). Por volta de meados de século XIX, uma terrível epidemia de maleita matou muitas e muitas pessoas na região. Alimentando a fé na proteção do Divino Espírito Santo, o povo pediu o fim da doença e prometeu uma festa anual para agradecer pelos favores concedidos. Estuda então, a partir de 1997 até 2004, o cumprimento dessa tradição e nos enriquece com detalhes sobre a viagem dos “Irmãos”, que navegam e caminham por dias e dias, rio acima e rio abaixo, para levar a imagem do Divino e arrecadar óbolos (esmolas) pela zona rural e cidades da região. Esses devotos peregrinos são muito aguardados nas comunidades por que passam e recebidos com almoços e jantares (pousos), em troca de cantorias e orações. As irmandades constituem-se, assim, no núcleo organizacional do culto ao Divino. Por assim entender, Luiz Nunes descortina todo um universo cultural, social e religioso sobre o caráter, a dinâmica interna e compromissos dos agentes religiosos, conhecidos como “irmãos do Divino”.

Depois de refletir acuradamente sobre os motivos religiosos que motivam os fiéis, os ritos e símbolos marcantes, Luiz Nunes inicia uma viagem pelo rio Tietê para nos mostrar a derrubada das canoas, o embarque da irmandade, as características do pouso, as referências simbólicas do comer e beber na efetiva “Festa do Divino do médio Tietê”, um evento que é *“corpo e espírito, numa relação complementar e hierárquica com o Divino. Os fiéis experimentam um sentido transformado de comunhão capaz de congregar e unir pessoas em propósito comum, partilhado, e penetrar num mundo, no qual o tempo e o espaço histórico são qualificados e (re)significados pelo tempo e espaço sagrados.”* (p. 120).

É nesse espaço simbólico e singular das comunidades religiosas dos romeiros do Divino Espírito Santo que Luiz Nunes preserva a memória, perscruta o humano e contempla a crença. Pode ser um bom trabalho de natureza antropológica, como afirmaram todos os especialistas que analisaram a obra, mas é, sobretudo, um recorte de nosso viver interiorano, cheio de encantos e testemunhos de fé, palavra hebraica (emuná), que evoca em si veracidade, honradez, retidão, fidelidade, seguridade, crédito e firmeza. Luiz Nunes encontrou no comportamento dos irmãos do Divino um modo de dar concretude ao que está registrado em Hebreus 11:1: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”. **“Rio Tietê, Estrada Líquida do Divino Espírito Santo”** é, enfim, um livro para quem aprecia os feitos humanos.

Luiz Antonio Ferreira

(Prof. titular do Depto de Português da PUC-SP)